Capítulo

13

Análise hermenêutica: compreendendo a intepretação...

Leonardo Rangel dos Reis (IFBA), Jocelma Almeida Rios (IFBA), Adriana Vieira dos Santos (IFBA)

leonardorangelrreis@gmail.com, *jocelmarios@ifba.edu.br*, *adrianavieira@ifba.edu.br*

Objetivo do capítulo

Este capítulo tem por objetivo apresentar os significados e nuances da análise hermenêutica, fundamentada na noção de "interpretação radical", e ancorada no que vem se configurando como lógica do acontecimento. Ao final da leitura deste capítulo, você deve ser capaz de:

- identificar os diferentes tipos de interpretação existentes;
- avaliar a importância da noção de interpretação radical;
- escolher o melhor tipo de interpretação;
- praticar a interpretação radical, de preferência em sua pesquisa;
- discutir sobre as epistemologias das ciências com "C" maiúsculo e "c" minúsculo;
- definir a noção de rizoma e debater a lógica do acontecimento.

Era uma vez… *Camila é uma estudante extremamente dedicada e focada. Desde pequena sabia que seguiria a área de tecnologia da informação, pois adorava jogos e tinha verdadeiro fascínio pelas possibilidades que lhe eram ocasionadas pelo computador conectado à internet. Ela nem imaginava os desafios que teria de enfrentar ao ser aprovada no Programa de Pós-Graduação em Informática aplicada à Educação, da Universidade Malhas e Rizomas.*

Naquela manhã, primeiro dia de aula no mestrado, acordou cedo, empolgada resolveu assistir a alguns vídeos sobre metodologia da pesquisa, componente curricular que veria logo mais....

No trajeto para a Universidade, caminhando por uma trilha de acesso lateral permeada por árvores e vegetação rasteira, ficou atenta aos caminhos formados e entrecortados pelas pequenas gramíneas e lembrou da fala do professor de um dos vídeos assistidos um pouco mais cedo: "Metodologia não é nada além de caminho! Intrigada, ela ficou pensativa e refletiu: "Mas, o que a metodologia tem a ver com meu caminhar? Será que agora, ao caminhar, estou realizando alguma prática metodológica? Como?". O resto da sua caminhada fora feito com muitas "minhocas" em sua cabeça!

Ela finalmente chegou ao prédio da Universidade e se dirigiu apressadamente à sala de aula. Ao chegar, o professor Raul já se encontrava. Ele projetara a imagem de um computador e acabara de perguntar à turma: "O que é isso?".

Camila já cismada com a tal da metodologia ficara ainda mais confusa com a questão simplória apresentada pelo professor! Sua primeira reação foi querer perguntar a qual área ele pertencia. A única certeza que ela acreditava ter no momento era de que ele não poderia ser da área de computação.

Tanto é que, ao sentar ao lado do colega, a primeira coisa que fez não foi nem se apresentar, mas indagar: "Estou mais perdida do que consumidor dia de sexta-feira na rua 25 de março. A única certeza que tenho é que o professor não é da área de computação". O colega a interpelou: "Como assim?" Ao que ela respondeu: "Se ele fosse não estaria começando uma aula de metodologia da pesquisa para pesquisadores em informática aplicada à educação, indagando sobre o que seria um computador"! Pacientemente, seu colega respondeu: "'Ledo engano', essa pessoa que está em nossa frente, apesar da pouca idade, é um dos pesquisadores mais destacados em estudos e pesquisas sobre a interação ser humano e máquina do nosso país. Ele é uma referência no âmbito mundial".

Camila ficara ainda mais perplexa e aturdida com a informação. Afinal, como a metodologia, além de significar caminho, também vai poder dizer algo diferente sobre computadores para pessoas que são da própria área da computação?

O professor Raul prosseguiu dizendo que não se tratava apenas de uma pergunta retórica, pois os sentidos e usos que atribuímos às coisas estão indissociavelmente ligados aos nossos contextos de referência, aos nossos mundos vividos.

1 Compreendendo a Interpretação…

Nesta seção, convidamos você a fazer uma viagem pelos meandros metodológicos da análise hermenêutica, de cariz qualitativo. Você pode perguntar: O que essa viagem solicita? Por onde começar? Como proceder? Quais obstáculos e dificuldades serão enfrentados? Como seguir a viagem depois de começada?

O conhecimento mobilizado neste capítulo é amplo, sobretudo pelo fato de a interpretação estar presente em todo processo de produção e estruturação do saber. Sendo assim, ela não consiste em técnica que está atrelada a alguns conhecimentos específicos, visto que só há conhecimento através do movimento interpretativo. É a interpretação que filtra e direciona a atenção a determinados detalhes e não a outros. Atualmente, as ciências neurofisiológicas já afirmam que ninguém enxerga da mesma forma o mesmo ambiente. Para Maturana e Varela (2005), o conhecimento é constituído por um observador, inserido em determinado domínio cognitivo, a partir da experiência, da interação com o mundo. Antes disso, não há mundo conhecido; ele só se constitui a partir da interação com o observador. Afinal, o antropólogo estadunidense Franz Boas (2005), já afirmava que "o olho que tudo vê é o olho da tradição".

Nosso olhar é um reflexo interpretativo das nossas vivências, dos nossos itinerários. Por isso, é impossível duas pessoas interpretarem da mesma forma o mesmo fenômeno, seja este um livro, a discrição de uma sala de aula, a narrativa sobre o mesmo caminho percorrido, os componentes físicos de determinado dispositivo computacional etc.

No intuito de mostrar que o próprio olhar consiste em um reflexo interpretativo, porque é praticamente impossível duas pessoas interpretarem o mesmo fenômeno da mesma maneira, vamos propor dois cenários ilustrativos: (i) controvérsia internacional que envolve escritura, ciência e questões de gênero; e, (ii) recorte de uma pesquisa etnográfica em ambiente escolar, na modalidade a distância (ver **seção 2**).

Vamos imaginar um cientista em seu escritório de trabalho — onde passa a maior parte do tempo —, operando os atos da leitura e da escrita, parte imprescindível do seu fazer profissional. Ali, o cientista ordinariamente se coloca todo o tempo sob vigília, se policia para não se envolver demais com a escrita, para não torná-la personalizada demais. Sua destreza é utilizada de modo que consiga envolver, enredar a linguagem nas condições ótimas de assepsia. Seu fazer se desdobra através do ato negativo de controle sobre a linguagem, ou melhor, evitando os "perigos", "mal-entendidos" e "ambiguidades" que podem ser criados pela estilização da linguagem.

Muitos cientistas estão fortemente in-formados e en-formados nas técnicas e nos artefatos tecnológicos de que seu trabalho muitas vezes depende: laboratórios equipados com os mais variados equipamentos, bibliotecas, reagentes, aceleradores... Esses artefatos e técnicas vão distinguir cientistas, categorizando-os por tema, ramo de atuação etc. Mas há uma técnica comum a todos: a escrita. Ela aproxima cientistas de outros profissionais, tais como escritores, artistas, literatos e dramaturgos. Todo cientista tem de tornar-se, em alguma medida, leitor e escritor.

A escrita do cientista, no entanto, diferencia-se da de outros usuários da língua, principalmente dos que militam no mundo das artes, especialmente na literatura. Existem tratados que visam resguardar e assinalar as assimetrias e distinções características de uma "boa escrita científica". Nesses manuais, o texto e a linguagem devem ser claros,

coerentes, imparciais e assépticos, sem vestígios de invenção, percepção, interpretação, autoria ou recursos estilísticos da linguagem literária. Devem-se — dizem os manuais — citar as fontes, informar a metodologia e demonstrar os resultados, com o maior grau de neutralidade possível. O que interessa no texto é o objeto (sua capacidade de relatar o fato, de tecê-lo) e todo e qualquer traço (de) sensualidade — "relativo aos sentidos" — de pessoalidade será, de partida, visto como nocivo.

Essa fúria frenética para esconjurar todo e qualquer envolvimento mais pessoal e literário com a linguagem vem de uma perspectiva epistemológica dicotômica que separa radicalmente sujeito e objeto, exigindo um afastamento desse para que possa compreendê-lo. A linguagem científica tem de ser a mais objetiva possível, sob o risco de ser "contaminada" pelas sinuosidades, vertigens e labirintos de uma subjetividade que deve ser evitada, contornada, controlada e vigiada. O sujeito só se oferece sob a condição de seu próprio encobrimento. Seus rastros, suas pegadas terão de ser apagados. A subjetivação da ciência, pelo menos em sua versão clássica, é semelhante às estratégias utilizadas por aquele que comete um crime e não quer ser descoberto, fazendo tudo para encobrir seus rastros. Sua empresa será bem-sucedida, se, e apenas se, ele conseguir apagar todas as pistas. A assepsia necessária no encobrimento de um crime é semelhante ao tipo de pureza exigida na linguagem utilizada nos procedimentos epistemológicos das ciências clássicas.

Muita gente se confunde e chega mesmo a acreditar que a escrita mais formal, geralmente predominante nas pesquisas quantitativas e em parte das pesquisas qualitativas, prescinde da interpretação. Isso não é verdade. Até mesmo os números trazem subjetividades. E, por mais neutra que se pretenda a escrita, ou qualquer outra forma de expressão, ela jamais conseguirá apagar os traços e movimentos da interpretação. Esta diz respeito à nossa posição no mundo! Afinal, só agimos situados em contextos.

1.1 Linguagem asséptica e linguagem rizomática

Grande parte da ciência é "enformada" em uma linguagem asséptica que em muito lembra um ambiente "sem vida", ou um ambiente em que os movimentos encontram-se demasiadamente ordenados, através da dependência de uma intencionalidade e racionalidade específicas. Um ambiente planejado e temático, disposto de forma a cumprir com um plano intencionalmente projetado para ele. Aliás, sua disposição, sua própria existência será mero fruto da astúcia, engenhosidade e intencionalidade e dependerá do que se quererá fazer nele e dele.

A razão, no campo da filosofia e das ciências, é classificada como a faculdade intelectual e linguística que nos distingue dos outros animais ou como "faculdade humana da linguagem e do pensamento, voltada para a apreensão cognitiva da realidade, em contraste com a função desempenhada pelos sentidos na captação de percepções imediatas e não refletidas do mundo externo" (HOUAISS; VILLAR, 2009). Essa razão específica opõe-se aos outros sentidos, pois ela só vige através da operação que a distingue como especial e diferente das outras capacidades. O seu território também é demarcado por artifícios que se manifestam através da desconfiança e do controle dos sentidos. Assim, a escrita científica que se quer mais racional necessita da vigília e da superação dos sentidos exacerbados, excitados. A narrativa territorializada da ciência,

para se efetuar, precisa partir do pressuposto da superioridade da razão em relação a todos os outros sentidos.

Esse modo de narrativa, característico da ciência clássica, ciência que se coloca com C maiúsculo, no singular (ALMEIDA, 2015; DESPRET, 2016), dificilmente consegue captar as nuances e movimentos característicos da vida (INGOLD, 2015). Não nos surpreende que ela necessitasse, para se depurar das subjetivações, vistas como entraves, de uma linguagem que se alcançaria através da neutralidade. Porém, tal linguagem só seria possível se pensássemos na condição do cientista como alguém que conseguiu, através de todo um treinamento, desenvolver a habilidade de se distanciar completamente de si mesmo, de sair, enquanto escreve, completamente do seu mundo, sob pena de cometer o imperdoável pecado da "contaminação". Espera-se que o cientista, ao escrever, esteja alheio a si mesmo, constituindo sua fala sem nenhuma referência ao seu mundo, ao seu itinerário. Já não há biografia. O que há é a linguagem que traduz o mais cabalmente possível os "dados" como se apresentam, ou melhor, os "dados" que representam "o mundo", que, numa ciência com C maiúsculo e no singular, também se apresenta com M maiúsculo, no singular. Mundo que o cientista pode explicar por meio de narrativas eficientes, verdadeiras, objetivas e únicas. Porém, concordando com Maturana e Varela (2005, p. 34) pode-se ressaltar que "uma explicação é sempre uma proposição que reformula ou recria as observações de um fenômeno, num sistema de conceitos aceitáveis para um grupo de pessoas que compartilham um critério de validação".

A escrita desse tipo de cientista possui mais proximidade com o cinza do asfalto do que com o verde gramado formado por ervas daninhas. Sua estranha sanha pela profilaxia faz perder de vista a complexidade e beleza do mundo concreto e traduz como perigo aquilo que não se enquadra facilmente no crivo do controle e da previsibilidade. Nesse sentido, seu discurso serve, seguramente, para descrever de diversos modos, o desdobrar do asfalto, desde sua produção, composição, à técnica de terraplanagem, pavimentação e reparo. Quando, porém, temos de perscrutar o gramado que brota intempestivamente em seu seio, desafiando todos os protocolos e garantias da impermeabilidade e compactação do material, a ciência clássica, com C maiúsculo se cala, porque não consegue compreender bem os movimentos complexos e dinâmicos da vida e de seus ambientes.

Se quisermos falar através de uma escrita mais vibrante, mais animada, teremos de recorrer a outros tipos de narrativas que consigam captar melhor esses movimentos. A ideia de rizoma de Deleuze e Guattari (1995) consiste em um movimento alternativo para tentarmos nos opor ao tipo de narrativa que precisa sacrificar os sentidos e os movimentos constitutivos da própria vida e do mundo. O rizoma se contrapõe ao pensamento como mera radícula. A ideia de pensamento estruturado como raiz principal tem sido cultivada há séculos e foi herdada da ciência pela filosofia de matriz greco-romana. O tipo de pensamento arbóreo é coerente com a lógica da unidade e da profundidade, porque se nega a pensar binariamente e a adotar um "pensamento [...] sempre simétrico e polar" que prospera "segundo oposições: existência/inexistência, racional/irracional, macho/fêmea, espiritual/físico, etc." (MARZEC, 2016, p. 2). Ou seja, entre o 0 e o 1 existe um universo de infinitas possibilidades…

Em vez de envolvermos o humanismo em processos de pureza, seria melhor abri-lo ao mundo da vida. Uma crítica ao antropocentrismo torna-se fundamental, mas essa

empresa não resulta no enfraquecimento da potência do ser do humano, ao contrário, consiste em movimento pragmático que busca mostrar como este sempre fora dependente de agenciamentos múltiplos. Trata-se de evidenciar as conexões e emaranhamentos que sempre existiram, mas que foram encobertos pela arrogância da atitude antropocêntrica. Como Latour (1994), podemos dizer que se trata de tradução ou de rede, posto que estamos lidando com fenômenos sutis, porque encobertos pelo mundo dos interesses demasiadamente humanos. As noções de rede, conexões, emaranhados e agenciamentos nos ajudam a repensar o mundo, pois são "mais flexíveis que a noção de sistema, mais histórica que a de estrutura, mais empírica que a de complexidade, a rede é o fio de Ariadne destas histórias confusas" (LATOUR, 1994, p. 9).

Até aqui, temos dois tipos de ciência: uma com "C" maiúsculo e outra com "c" minúsculo. A primeira utiliza uma linguagem asséptica, fria, que não consegue captar muito bem os movimentos complexos do mundo vivido. Já a segunda, utiliza de preferência uma concepção de linguagem nômade, semelhante a um rizoma (Figura 2).

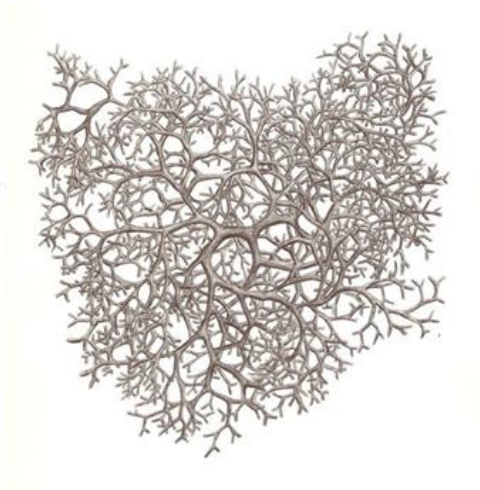


Figura 1 - Estrutura do rizoma[1]

A seguir, veremos um pouco da história da hermenêutica e suas implicações na constituição da ciência, da economia capitalista e da religião cristã. O objetivo é mostrar como isso cria impactos nos processos de interpretação do mundo e na construção do conhecimento. Depois, veremos como a lógica do acontecimento pode ajudar a liberar a escritura e a leitura dos códigos normalizadores.

1.2 Breve história da hermenêutica

A hermenêutica é uma técnica antiga de interpretação de textos religiosos e filosóficos. Durante o período histórico conhecido como Idade Média, esse tipo de exegese se viu exclusivamente atrelada aos códigos e dogmas religiosos. Isso significa que a leitura tinha de ser realizada através de princípios e normas estritas, ditadas e controladas pela Igreja Católica. Havia todo um aparato de controle sobre a leitura e a

---

[1] Fonte: *Razão Inadequada*. Disponível em <https://razaoinadequada.com/2013/09/21/deleuze-rizoma/>. Acesso em: 12 mar. 2017.

interpretação permitidas e as proibidas. Os sentidos da interpretação tinham de obedecer aos rígidos cânones ditados pelos dirigentes da Igreja.

No período do Renascimento europeu, meados do século XIV até o fim do século XVI, essa tecnologia modificou-se, com a emergência do humanismo, pois as relações Deus-homem que eram o centro de inteligibilidade, através do qual tudo era pensado e interpretado no período medieval (PEREIRA; GIOIA, 2012), fora substituída pelo antropocentrismo, pela valorização da filosofia e da ciência. Isso ocasionou o que Weber (2010) chamou de racionalização e laicização do mundo, ou seja, as explicações e interpretações do mundo são buscadas a partir de outras fontes e não mais pelas explicações movidas pela fé e crenças em magias e mitos. Começa-se a ter a valorização de explicações mais práticas, mais causais e racionais. Desse modo, rompeu-se também a confiança nos velhos caminhos para produção do conhecimento: a fé e a contemplação não eram mais consideradas vias satisfatórias para se chegar à "verdade". Um novo caminho, um novo método, precisava ser encontrado, que permitisse superar as incertezas. Surgem, então, duas propostas metodológicas diferentes: "o empirismo, de Bacon, e o racionalismo, de Descartes. Esses dois autores dedicaram parte de suas obras a discutir o caminho que conduziria ao 'verdadeiro conhecimento'" (PEREIRA; GIOIA, 2012, p. 178).

Porém, o que chamamos, abstratamente, de civilização ocidental, gestada a partir do século XIV, no Renascimento, apagou toda relação mítica e encantada com a natureza, concebida cada vez mais como recurso, como algo que se encontra à mão, disponível, pronta a ser disposta como reserva. A natureza como algo sagrado foi desinvestido por uma série de empreendimentos que buscavam construir um mundo laico. Weber (2010) fala sobre o desencantamento do mundo, processo que tentou eliminar, da face da terra, a relação mítica com seres e coisas, sobretudo, porque fora justamente ela, a terra, que passou a ser concebida como local disponível às práticas de profanação. A racionalização, que ganhou força com a religião protestante, o desenvolvimento das ciências e das técnicas e a economia capitalista podem ser considerados como empreendimentos profanadores que só operam e avançam na justa medida em que eliminam as práticas míticas.

Essa forma calculista de se pôr no mundo desvaloriza os laços de pertença e de cultivo da natureza, e seu desencantamento é condição precípua para o fortalecimento dos princípios de desenvolvimento e progresso, impulsionados pela Revolução Industrial e propagados para o resto do mundo pela empresa colonizadora-catequizadora. Fica explícito como a magia tinha de ser enfraquecida, desinvestida, por um tipo de explicação menos "encantada". A ciência contribuiu muito para esse empreendimento, pois se colocou como produtora e guardiã do saber e dos argumentos plausíveis e racionais, ou seja, da mitologia científica, que justificou a sua, sempre interessada e pretendida, neutralidade.

Os tipos de técnicas que se desdobram a partir da aliança entre ciência, economia capitalista, laicidade e dessacralização também são diferentes. Elas são consideradas mais eficazes, eficientes, racionais e neutras, porque não possuem mais obrigações e compromissos com modos de vida específicos, a não ser com um tipo de finalidade, com a qual encontram-se abstratamente ligadas. Mauss (2003) endossa a tese de que esse fenômeno teria implicações históricas muito anteriores aos da Revolução Industrial. Para o autor, a magia também se confunde com os atos jurídicos, as técnicas e os ritos

religiosos. Embora se diferencie dessas práticas, pelo fato de ser capaz de produzir algo mais do que convenções, ela é reconhecida como um "fazer", por isso,

> com frequência, tiraram seu nome desse caráter efetivo: na índia, a palavra que melhor corresponde à palavra rito é *karman*, ato; o feitiço é *ofactum*, *krtyâ* por excelência; a palavra alemã *zauber* tem o mesmo sentido etimológico; outras línguas também empregam, para designar a magia, palavras cuja raiz *significa fazer*. (MAUSS, 2003, p. 56).

A magia consiste em um fazer que se diferencia do técnico, mas essa diferença não possui relação com sua eficácia. No fazer técnico, o produto é concebido como sendo criado mecanicamente, sem encanto: "sabe-se que ele resulta diretamente da coordenação dos gestos, dos instrumentos e dos agentes físicos. Vemo-lo seguir imediatamente a causa; os produtos são homogêneos aos meios; o disparo faz partir o dardo e o cozimento se faz com fogo" (MAUSS, 2003, p. 57). Quando uma prática é ao mesmo tempo mágica e técnica, a parte mágica configura-se justamente como aquilo que escapa facilmente da definição homogênea entre as causas e os efeitos. Ou seja, estamos diante de uma explicação não causal do mundo ou diante de outra maneira de se estabelecer as relações de criação. Assim, os gestos rituais são

> reputados detentores de uma eficácia muito especial, diferente de sua eficácia mecânica. Não se concebe que o efeito sensível dos gestos seja o verdadeiro efeito. Este ultrapassa sempre aquele e, normalmente, não é da mesma ordem, como quando, por exemplo, se faz chover agitando a água de uma fonte com um bastão. Eis aí o que é próprio dos ritos e que podemos chamar atos tradicionais de uma eficácia *sui generis*. (MAUSS, 2003, p. 57).

Embora esteja implicada nos rituais e, por isso, se confunda com um "fazer", a magia foi deslocando-se para a margem. O desencanto do mundo que Weber (2010) apresenta diz respeito ao enfraquecimento da magia e, portanto, um mundo cada vez mais visto e explicado através de relações causais mecânicas. Nesse tipo de relação, a eficácia é investida de uma transparência, dependente do princípio de autodeterminação. O ser humano é colocado como o centro do processo, como o agente responsável por "desvendar", "descobrir" e "buscar" os elos que compõem a cadeia causal. Estamos no mundo enquanto representação, porque ele é paradoxalmente tido como dado e construído, já que se trata muito mais de "descobrir" ou "desvendar" uma verdade que se encontra encoberta, do que da criação de relações e encontros, pois tem-se de ligar, necessariamente, as causas aos efeitos. O mundo da representação é um mundo dependente da interioridade.

Porém, o mundo enquanto representação compreende os processos de criatividade de modo muito limitado, pois fica refém de cortes dicotômicos como: sujeito e objeto; real e virtual etc. Não se trata de dizer com isso que as relações dos seres humanos com as máquinas são mágicas. Mas se trata de postura crítica que afirma a variedade de possibilidades e dinâmicas que os humanos estabelecem com as coisas. Então, não podemos restringir a produção de objetos à mera esfera instrumental do capital, pois, assim, não levaríamos em conta a alegria, o prazer e a motivação mobilizados pelo processo de criação e, ao fazê-lo, estaríamos deixando de levar em consideração o grande potencial que ainda existe no trabalho artesanal.

1.3 Interpretação radical e nomadismo

Desse modo, autores como Weber (2010) e Mauss (2003) nos mostram que a magia remete a outro tipo de causalidade, que procuraremos entender dialogando com Deleuze, reconhecido filósofo da diferença, que buscou desconstruir a visada transcendente do pensamento dogmático, instaurando uma perspectiva imanentista, através de proposições que levassem a outras paragens/imagens do pensamento, em que o ser se diz e se funda através da diferença, e não mais a partir da lógica do mesmo, da semelhança ou da representação. Rejeita-se todo tipo de causa que permaneça exterior (transcendente) em relação à diferença que se procura aprender (HARDT, 1996; SALES, 2014). Princípio da interioridade — em que as explicações são contingentes e acidentais, sem necessidade de atribuição de algo que as transcenda — e autodeterminação não são mais suficientes para explicar o movimento complexo de desenvolvimento do real. Até porque não é preciso traduzir os diversos processos de subjetivação:

> Estes estados vividos dos quais eu falava há pouco, para dizer que não é preciso traduzi-los em representações ou fantasmas, que não é preciso fazê-los passar pelos códigos da lei, do contrato ou da instituição, que não é preciso fazê-los valer, que é preciso, ao contrário, torná-los fluxos que nos levem sempre mais longe, mais ao exterior, é exatamente a intensidade, as intensidades. O estado vivido não é subjetivo ou imposto. Não é do individual. É o fluxo, e o corte de fluxo, uma vez que cada intensidade está necessariamente ligada com uma outra intensidade de tal maneira que algo passe. É isto que está sob os códigos, o que lhes escapa e o que eles querem traduzir, converter, fazer valer". (DELEUZE, 1992, p. 14).

Deleuze atribui à diferença um papel radicalmente novo. É a diferença que funda e proporciona ao ser a sua necessidade, sua substancialidade (HARDT, 1996). O ser difere de si mesmo imediatamente, internamente. Ele "não procura fora de si um outro ou uma força de mediação porque sua diferença nasce de seu próprio núcleo, da 'força interna explosiva que a vida carrega em si mesma'" (HARDT, 1996, p. 44). Estamos em uma lógica do acontecimento, dos fluxos, das multiplicidades:

> o próprio acontecimento está em desgaste ou em ruptura com as causalidades: é uma bifurcação, um meandro relativamente às leis, um estado instável que abre um novo campo de possíveis. Prigogine falou desses estados em que, mesmo na física, as pequenas diferenças se propagam em vez de se anularem, e em que fenômenos totalmente independentes entraram em ressonância, em conjunção. Neste sentido, um acontecimento pode ser contrariado, reprimido, recuperado, traído, e nem por isso deixa de comportar algo de inultrapassável. São os renegados que dizem: está ultrapassado. Mas o próprio acontecimento, por mais que seja antigo, não se deixa ultrapassar: ele é abertura de possível. Ele passa no interior dos indivíduos tanto quanto na espessura de uma sociedade. (DELEUZE; GUATTARI, 2016, p. 245).

Esse possível não existe, não é dado, não há oposição entre o dado e o constituído. O possível é criado pelo acontecimento. Então, trata-se sempre de uma questão de vida. É o acontecimento que cria uma nova existência, ele produz uma nova subjetividade (DELEUZE; GUATTARI, 2016). Essa nova imagem do pensamento — não representativa — se nega, por princípio, a considerar um modelo prévio e estável de explicação do real. Ela privilegia o acontecimento, a diferença enquanto princípio

fundante, os fluxos e devires, e nos envia para novas maneiras de explicação do mundo, em que já não se deve nada ao mecanicismo ou ao tipo de explicação causal que ele engendrou, que foi responsável pelo enfraquecimento do encanto e pelo desenvolvimento da noção mecanicista, maniqueísta e simplista que ainda se tem da natureza. É a diferença que se torna explicativa da própria coisa e não mais suas causas (DELEUZE, 2006b).

O encantamento do mundo não procura mais explicações transcendentes, messiânicas ou redentoras, como se fosse possível "recuperar" o "paraíso perdido na terra". Trata-se das constituições de agenciamentos que promovam novas formas de criações, de encontros, do estabelecimento de novas relações com: o mundo, a terra, os seres, a vida etc.; sobretudo porque estamos nos movendo em solo pragmático, em que os movimentos de criação tornam-se radicais. Pode-se pensar em novas cosmopolíticas, novas terras, novas paragens, em movimentos que ocasionem, criem e potencializem a dimensão afirmativa da vida. Dimensão da qual nos fala Deleuze em diálogo com Nietzsche: a potência de afirmação da vida passa necessariamente pela afirmação do mais alto poder da vontade (DELEUZE, 2016). E, nesse movimento, afirmam-se justamente a Terra, a vida, os fluxos, os seres etc. que assumem, segundo Deleuze, em interseção com Nietzsche, formas desconhecidas "por nós, que só habitamos a superfície desolada da Terra e só vivemos estados vizinhos de zero. O que o niilismo condena e se esforça por negar não é tanto o Ser, porque o Ser, sabe-se já há muito tempo, parece-se com o Nada como um irmão. É de preferência o múltiplo, é de preferência o devir" (DELEUZE, 2016, p. 31-32).

Deixar seguir e acompanhar o fluxo; não o emparedar e não o estancar, por meio de códigos normalizadores e regulamentadores da lei, da instituição ou do contrato. É por isso que a figura do nômade está bem presente na obra de Deleuze. Ele nos mostra o quanto de perigo há nos processos de sedentarização, demasiadamente requeridos e investidos na cultura do desenvolvimento, da propriedade e do Estado. Além disso, o nômade pode nos indicar movimentos de uma *interpretação radical*, na medida em que já não se parte mais dos *a priores* de constituição dos domínios isolados e sacralizados por uma tradição que se deseja problematizar. A *interpretação radical* não diz respeito apenas aos encontros com os outros, com as coisas, porque os movimentos nômades nos ensinam que, assim como os domínios foram constituídos, esses encontros também podem ser desconstruídos e reconstruídos, e novas e inesperadas relações também podem surgir ao longo do processo. Afinal, trata-se sempre do acontecimento. Hoje, por exemplo, não podemos levar a cabo uma *interpretação radical* que não dialogue com as diversas minorias que compõem o nosso mundo. A figura do nômade encontra-se associada aos movimentos moleculares e não aos molares. Ela tem toda afinidade com o que é considerado menor. No campo das Tecnologias da Informação e da Comunicação temos importantes estudos e pesquisas que mostram a fundamental contribuição da criação e divulgação dos softwares livres, da pirataria etc.

Quando tentamos compreender a produção de computadores, ou algo do tipo, como os processos que envolvem a criação industrial, pode-se lançar mão da linguagem causal sem nenhum problema, mas ao tentar descrever o encanto e deslumbramento de uma pessoa que está no processo de alfabetização digital, este tipo de explicação torna-se demasiadamente simples, um problema, a não ser que queiramos reduzir os processos de aprendizagem a algo da ordem do meramente mecânico e planificado.

1.4 Interpretação, acontecimento e empoderamento

Assim, pensar numa interpretação que se desdobra através da lógica do acontecimento é fazer com que ela não fique refém do movimento instrumental, que vimos acima, através da subordinação dos movimentos do mundo. Nem de motivos transcendentes, que sirvam como justificativas míticas e/ou mágicas que tenham por fito assegurar o domínio de uns grupos sobre os outros. É por isso que é imperioso desenvolver uma autonomia hermenêutica, ou seja, o sujeito deve se empoderar e se emancipar frente às instâncias que se autoproclamar as guardiãs legítimas das explicações verdadeiras do mundo. Deixar seguir e acompanhar o fluxo; não o emparedar e não o estancar, por meio de códigos normalizadores e regulamentadores da lei, da instituição ou do contrato. É por isso que a figura do nômade está bem presente na obra de Deleuze. Ele nos mostra o quanto de perigo há nos processos de sedentarização, demasiadamente requeridos e investidos na cultura do desenvolvimento, da propriedade

Liberar o conhecimento do seu afã criador de domínios e da sua dependência com o movimento de laicização do mundo é, em certa medida, busca pelo encantamento, em territórios que não se formam na dependência irrestrita dos dualismos limitadores, tais como sagrado e profano, natureza e cultura e corpo e alma. O conhecimento liberado não mais dependente da clausura dos códigos — característicos das grandes cidades — que podem ser traduzidos em "três principais: a lei, o contrato e a instituição" (DELEUZE, 1985, p. 10). Esse conhecimento pode nos enviar a novos acordos e composições, em cenários onde a criação não se vê mais limitada ao princípio da interioridade.

1.5 Análise hermenêutica acontecimental

Alguns autores que utilizam a análise hermenêutica são categóricos ao afirmar que devemos descartar a noção de dados. Tal escola radicaliza o poder da interpretação e toma o mundo como pura construção de sentidos. Fazem parte dessa vertente o interacionismo simbólico, a etnometodologia, grande parte da produção etnográfica, pelo menos a amparada na sociologia e antropologia compreensivas etc. Os integrantes dessa versão da hermenêutica colocam os "dados" sob rasura, porque os veem como pura idealidade, fruto do artifício dos mais diversos projetos de criação. É o movimento dos construcionistas. Aqui, o importante é ressaltar apenas o que é da ordem da criação, da construção. Tudo aquilo que não se deu através da produção deixará de ser mencionado. Uma limitação de tal abordagem analítica é que não consegue compreender bem os fenômenos da matéria. Esse movimento suspende a materialidade do mundo em busca da compreensão exclusiva dos sentidos. Sua ênfase está nos elementos de sentido que estruturam os processos da comunicação. O alvo são os significados, não os significantes.

Já os hermeneutas, do que podemos considerar segundo movimento, não rompem com a noção de dados, porque não conferem poder exclusivo à interpretação, pois desconfiam que há algum resto que ela não consegue penetrar, uma materialidade que a ricocheteia. Sua ênfase também está nos processos de comunicação, mas, a compreensão parte dos suportes materiais que ajudam a estruturá-la (GUMBRECHT, 2010; GABRIEL, 2016). Diante disso, temos duas possibilidades ontológicas e axiológicas que o movimento hermenêutico nos coloca. (i) mundo formado à imagem e semelhança da interpretação, como texto a ser livremente decodificado. (ii) mundo formado pela interpretação, mas que contém em si uma materialidade, um resto, que não pode ser

completamente desvelado. Como um texto que não se encontra completamente aberto a tipos livres de leitura, mas que também não está fechado.

Só faz sentido mencionar dados no movimento (ii), enquanto resistência paradoxal que vai ao e de encontro à interpretação. O (i) está todo ele ancorado no pressuposto do "Mundo enquanto vontade e interpretação", ou seja, nele, os "dados" rasurados, transformam-se em mero artifício da interpretação. São sobretudo interpretações de interpretações. Assim, temos: (i) versão hermenêutica idealista dos sentidos. (ii) versão hermenêutica realista dos sentidos.

A hermenêutica inspirada na lógica do acontecimento que tentamos explicitar nesta seção está mais próxima do segundo movimento. A ela importa não apenas os significados (parte abstrata do processo comunicativo, tida na tradição dualista como o conceito), mas também os significantes (parte material envolvida nos processos expressivos). Com isso, temos possibilidades efetivas de compreender os processos de informação e comunicação de modo mais dinâmico e complexo, sem precisar recair em visões dicotômicas como: sujeito e objeto, teoria e prática, natureza e cultura etc.

2 Exemplo Ilustrativo

No intuito de auxiliar você da melhor maneira, na compreensão dos meandros e possibilidades dos processos interpretativos, optou-se pela apresentação de dois casos ilustrativos. O primeiro faz parte de uma polêmica mundial que envolve o mundo da ciência, sua escritura e as questões de gênero. Já o segundo diz respeito a um exemplo que envolve estudos em tecnologia da informação e a educação.

Exemplo Ilustrativo 1:

Como vimos, a racionalidade científica é responsável por criar todo um repertório linguístico próprio, com metáforas e códigos característicos e específicos. Sobre isso, poderíamos citar vários exemplos. Um caso interessante foi relatado pela antropóloga Vinciane Despret (2016). Ela narra uma controvérsia que agitou o mundo dos primatologistas e que diz respeito tanto aos macacos quanto às formas de produção do conhecimento na ciência, porque as teorias não deixam de ser história e de ajudar a fabricá-las (DESPRET, 2016). O relato sobre os macacos, paradoxalmente, não diz tanto a respeito deles, mas aos possíveis laços que os cientistas estabelecem e/ou podem estabelecer sobre eles.

Especialistas perceberam, na Ìndia, que um bando de macacos langur, cometeram/cometem a prática do infanticídio. Várias conjecturas foram elaboradas, no intuito de se "descobrir" a causa de tal fenômeno, e os primatologistas aproximaram suas lentes dos símios para observar suas práticas mais detalhadamente. Já se sabia que os langur se distribuíam em comunidades formadas por várias fêmeas e um macho. Este tipo de comunidade foi chamado pelo pesquisador japonês Yakimaru Sugiyama de "poligínica". Para ele, a causa do infanticídio diz respeito ao ciúme e domínio dos machos em disputa pelo poder, pois um macho pode querer se apoderar do que ele chama "harém" do outro. E, caso o "macho dominante" perca a disputa, o "harém" passará a ter "novo dono". Esse macho que se apodera do novo bando, muitas vezes, pratica o infanticídio. A explicação de Sugiyama é que isso ocorre por causa do ciúme e da necessidade de

demarcar o território, porque o "novo dono do harém" preferirá que as crianças tenham seu gene. Esta forma de explicação ainda é bastante corrente na ciência atual. Não precisamos de muito esforço para encontrá-la! Em um site de divulgação de notícias do mundo animal, por exemplo:

> Os grupos são formados por cerca de vinte fêmeas e um macho adulto forte, que é o dono do harém e cruza com todas as fêmeas. Mas ele tem que defender sua posição privilegiada contra-ataques de machos alheios ao grupo. Somente um macho em plena forma pode controlar um harém e, depois de alguns anos, ele é derrubado por um mais jovem[2].

A pretensa "neutralidade" da escrita científica se esconde por traz do que Despret (2016) chama de matriz narrativa, isto é, armação responsável por gerar histórias. Cada matriz serve para juntar certos fatos e ocultar outros. Ela importa, pois "vai afetar não somente aquilo que se conta, mas também aquilo que se observa" (DESPRET, 2016, p. 9). Quando o termo harém é evocado, percebe-se que se trata do domínio do macho sobre as fêmeas, sobretudo porque somente um "macho em plena forma pode controlá-lo". Aqui, mais uma vez, percebemos que a suposta neutralidade não existe. A observação do pesquisador que criou esse relato sobre os macacos estava enredada em sua posição de macho. Com a disposição do macho que acostumou a representar-se como alguém que está no comando. Porém, "quem disse que os machos escolhem as fêmeas? Que eles se apropriam, que tomam posse delas e que eles são seus soberanos ou dominadores?" (DESPRET, 2016, p. 10). As interessantes questões levantadas podem ser respondidas com um sonoro "nada!".

Um grupo de pesquisadoras feministas descreveu esse tipo de organização dos macacos langur de outra maneira. Elas iniciaram a pesquisa a partir da seguinte questão: "Se um único macho é suficiente para assegurar a reprodução, os machos, de toda forma, cuidando pouco dos filhotes, por que se preocupar em arranjar mais deles?" (DESPRET, 2016, p. 11). Assim, como desdobramento, a conclusão que elas chegaram é de que as fêmeas têm uma atitude racional e econômica: elas descartam os machos porque sabem que somente um consegue manter o equilíbrio e a segurança do bando. A explicação sobre o infanticídio passa a ser outra: Não há mais um macho estrategista, obcecado por transmitir seus genes. A prática se "torna uma consequência de distúr*bios* sociais graves" (DESPRET, 2016, p. 11).

As diferentes explicações devem ser compreendidas a partir da implicação de todo e qualquer relato. Ele sempre estará enredado em um contexto específico e só pode ser compreendido de modo situacional. A ciência com C maiúsculo não levava em consideração essa regra básica, pois visava, a todo custo, encontrar um universal que estivesse depurado da contingência. É por isso que, hoje, por mais conservador que seja o cientista, torna-se muito difícil ele conseguir sustentar o argumento sobre a plausibilidade daquele tipo de universal. Mas, se todo relato está envolto em tramas situadas, como decidir qual tipo de narrativa devemos contar?

Como estamos implicados nas tessituras dos sentidos, sobretudo pelo fato de percebermos como a ciência tentou elidi-los em seu processo de escritura,

---

[2] A fonte é um site chamado curiosidades biológicas, especializado em notícias sobre os animais. As informações podem ser encontradas no sítio eletrônico: http://www.ninha.bio.br/biologia.

reconheceremos que as narrativas mais propícias sejam aquelas que se abrem para o mundo da vida e para a variedade de movimentos e de linhas de força que compõem os ambientes. Por isso, a noção de rizoma pode ser de grande valia, principalmente, por seus movimentos não se domesticarem, visto que "deslizam, balançam, brincam e pulam como campos de milho a dançar ao vento" (MARZEC, 2016, p. 10). Assim, uma das possibilidades das trilhas interpretativas seria tatear por entre os bulbos e significantes deste arbusto.

Exemplo Ilustrativo 2:

Hoje, é extremamente difícil encontrar algum ser humano que não se encontre dependente das técnicas. Um bom exemplo disso é o "simples" e corriqueiro uso do celular. Segundo Bauman (2011, p. 44), "o advento do celular tornou possível a situação de alguém estar sempre à inteira disposição do outro". Além disso, pelas mesmas razões, a entrada da telefonia móvel na vida social "eliminou, para todos os fins práticos, a linha divisória entre tempo público e tempo privado; entre espaço público e espaço privado; casa e local de trabalho; tempo de trabalho e tempo de lazer; 'aqui e 'lá'" (*Ibid.*). O movimento iniciado pela telefonia, ampliado pela telefonia móvel, fora completado ou bastante intensificado pela emergência e desenvolvimento da internet. Essa reestruturação do social, através da rearticulação dos tempos e dos espaços, nos coloca diante de uma fluidez das relações jamais vista na história da humanidade. Aqui, nos conectamos e nos desconectamos com a mesma facilidade que fazemos nos espaços online (BAUMAN, 2011). Com o esboroamento das fronteiras, nos mais distintos âmbitos socioculturais, podemos afirmar que o real se tornou muito mais fluido e cambiante. Nesse processo, houve/há modificações e criações importantes, como a constituição de novas paisagens e cartografias socioculturais. Com isso, emergem novos arranjos e alianças entre a dinâmica e complexa relação entre a teoria e a empiria.

Numa pesquisa etnográfica realizada por Leonardo Rangel (2016), sobre processos de produção dos saberes das merendeiras que faziam o curso técnico em alimentação escolar, na modalidade a distância, no Instituto Federal da Bahia – IFBA, um dos objetivos era tentar compreender como se estruturava o processo de virtualização das relações sociais tão assinalado acima por Bauman. Uma das estudantes entrevistadas narrou sua situação na instituição, que, deve-se ressaltar, não possui muita expertise na oferta de cursos não presenciais. Ela disse:

> tem um peso, né? assim...uma importância pra sociedade baiana, pelo menos, é o que eu vejo, uma instituição séria, uma instituição preocupada, capaz, em que todos gostariam de frequentar seus cursos, não só profissionalizantes, a parte de faculdade e...e cursos técnicos...nos acolheram, porém eu não sinto... assim... uma interação tão grande com a instituição... [...] Não, não há o sentimento de ser um aluno IFBA, nós somos um aluno... alunos do Profuncionário... Porque eu acredito que as pessoas que fazem parte da instituição... Coordenadores, eu não sei como é que se chamaria... Diretores...eles não interagem com a gente de alguma forma...a única interação que eu posso...assim...comprovada que houve foi a questão do crachá, que, até hoje, não...não me diz nada, não...não diz a que veio...

Mas, afinal, o que a situação acadêmica de uma estudante tem a ver com a suposta virtualização das relações socais e com Bauman? A presente fala da estudante é

reveladora e aponta para uma situação que se estende à grande parte dos estudantes que estão no IFBA, a partir do ingresso através do Programa Profuncionário, ou seja: 1) trata-se de um programa específico, especial, portanto, visto como algo passageiro, temporário, que não merece tanto esforço e mobilização da instituição; 2) refere-se ao ineditismo da modalidade da educação a distância. Essa dificuldade soma-se à primeira e coloca-se como mais um empecilho no acolhimento e implementação completa do referido projeto, em âmbito institucional; até porque esta modalidade de ensino ainda é vista com bastante desconfiança, e, além disso, não há um número muito grande de quadros qualificados, nem de técnicos nem de docentes, que saibam trabalhar com esse tipo de ensino, no IFBA.

Além do exposto, ainda temos outro condicionante que, como docentes da instituição, não é muito difícil perceber, ou seja: há uma desvalorização dos poucos cursos que são ofertados para o público-alvo de Jovens e Adultos – EJA, porque a referida instituição ainda não aprendeu e não possui muita vontade em aprender a trabalhar e adaptar seu currículo e o aprendizado aos cursos voltados a este segmento em específico. Uma possível interpretação para tal fenômeno pode ser buscada nas novas configurações e mudanças no campo da educação profissional no Brasil, pois se esta "historicamente esteve associada ao treinamento e destinava-se às classes menos favorecidas, nos dias atuais, assume um espaço importante no campo da educação" (SAMPAIO; ALMEIDA, 2009, p. 17), que demanda e depreende uma maior e mais complexa qualificação e um maior tempo dedicado ao aprendizado, uma vez que, "nos dias atuais, o mercado de trabalho exige uma formação mais polivalente, em que os profissionais estejam aptos a aprender, mesmo fora da escola convencional" (Ibid., p. 24).

Portanto, uma modalidade que atrai um público de pessoas carentes, possivelmente vistas como "portadoras de déficit de aprendizagem", que precisam de um maior tempo e esforço para saná-las, podem ser facilmente encaradas como "pessoas problemáticas", como um certo "estorvo" à lógica institucional, uma vez que elas não serão facilmente aceitas/inseridas no mercado de trabalho.

Se este tipo de mentalidade já é frequente na educação em geral, certamente, ele encontra-se com mais frequência na educação profissional, pois esta modalidade de ensino opera com um tipo de finalidade mais operacional, uma razão mais específica, especializada e instrumental, uma vez que está associada a um tipo de formação que tem por objetivo precípuo a preparação para a inserção no mercado de trabalho.

No caso específico do Profuncionário, os estudantes ainda possuem a particularidade de serem profissionais em exercício, então, certamente eles estão duplamente deslocados da lógica institucional: primeiro por representarem pessoas que, de certo modo, são vistas como alguém que já passou da idade de ter uma formação técnica mais especializada; e segundo, porque elas já estão inseridas no mercado de trabalho. Assim, são pessoas que, de algum modo, representam e simbolizam uma espécie de vácuo deixado na lógica institucional.

A condição marginal apontada pelo relato da estudante e por várias outras nos faz refletir sobre o estatuto da escola ou da escola enquanto espaço que deixa uma espécie de vácuo ou vazio, porque não consegue se insurgir como um local responsável por criar laços de pertença duráveis. É por isso que algumas delas ficam com a impressão de pertencerem e não pertencerem ao mesmo tempo ao próprio local onde realizam o curso. Diante disso, é como se elas ocupassem um espaço físico, mas não estivessem realmente

enlaçadas por relações sociais mais significativas, em um espaço que é entrecortado pela lógica da instituição em apreço.

Assim, podemos pensar que, de alguma forma, elas ficam suspensas em uma espécie de fora, são deixadas à margem pela falta de um amparo institucional que consiga acolhê-las de verdade. Então, sobre isso, a mesma estudante continuou a narrativa dizendo que: "nós utilizamos...é como se tivéssemos alugado uma sala pra fazer o curso aqui... Não, não há o acolhimento...". Sobre isso, é interessante a discussão realizada por Cristina Corea e Ignacio Lewkowicz (2013), no livro Pedagogia del aburrido. Para eles, especialmente para Lewkowicz, o crescente desinvestimento das instituições leva a um estado de enfraquecimento das mesmas, em que, muitas vezes, "se trata de um coincidir puramente material de los cuerpos em um espacio físico (COREA; LEWKOWICZ, p. 33), pois, "el passaje de la institución al galpón implica la suspensión de um supuesto: las condiciones de um encuentro no están garantizadas" (COREA; LEWKOWICZ, p. 33).

Portanto, as relações que se dão a partir das instituições transformadas em galpões só podem ser relações mais fluidas e cambiáveis. São relações instáveis, que não conseguem criar laços de pertença duráveis e formam cartografias socioculturais mais movediças e dinâmicas, com forte traço da instabilidade e mudança. Portanto, a instituição como galpão, ou a escola transformada em um espaço aberto, pronto a acolher objetos e coisas materiais, mas não tão adaptado às pessoas, não consegue se habituar direito e nem se adequar ao "acolhimento real" de pessoas que ingressam em seu domínio e, além disso, não consegue criar laços de pertença mais duráveis e estáveis. Ou, para dizer novamente com ela,

> É como eu acabei de lhe dizer...é como se tivéssemos alugado um espaço e utilizamos o espaço...também não mexem com a gente, não nos hostilizam, né? não há uma… um maltrato, por exemplo, nada disso...mas é realmente... não fazemos parte… o sentimento é esse, de não fazer parte do IFBA… temos orgulho em dizer que fazemos aqui, porém...é...não há um, como é que eu posso falar... Um sentimento de pertença maior... É como se aqui fosse o ambiente virtual...

Aqui, chegamos a um ponto crucial, uma nova espécie de margem que nos remete além da dicotômica e limitada forma como as ciências sociais costumam tratar os laços de pertença, porque elas ora tratam-nos como dependentes de uma configuração mais tradicional, em que há um maior predomínio de relações duráveis, ora remete-os a uma suposta modernidade, em que os laços são percebidos de forma mais cambiantes e instáveis. Essa dicotomia também fora transposta na forma de se estudar as interações que ocorrem face a face e as interações que ocorrem em ambientes mediados pelo computador. Porque muitos autores, a exemplo de Bauman (2011), são categóricos ao afirmarem que o tipo de relação que se dá face a face é muito mais propícia e capaz de criar relações mais "autênticas", uma vez que elas são mais propensas a forjarem sentimentos de pertencimento mais duráveis. Em oposição, as interações que ocorrem com a mediação do computador são mais voláteis e propensas a criar laços de pertença não duráveis, instáveis, isso quando conseguem criá-los.

Porém, o que a estudante deixa transparecer, em sua importantíssima narrativa, é que a escola transformada em uma espécie de galpão, de alguma maneira, também transforma as relações face a face em relações virtuais. Logo, se as relações face a face podem ser vistas como tipos de relações virtuais, pelo menos, neste tipo de configuração escolar, então, não podemos associar apressadamente as relações virtuais a laços de

pertença não duráveis e instáveis, sob pena de jogarmos apressadamente as próprias relações que ocorrem face a face na rubrica da instabilidade e da fluidez.

Diante disso, pudemos perceber que é como se as estudantes do Curso Técnico em Alimentação Escolar ocupassem um espaço físico, mas não estivessem realmente enlaçadas por relações sociais mais significativas, em um espaço que é entrecortado pela lógica da instituição que abriga o Programa Profuncionário no Estado da Bahia, o IFBA. Vale ressaltar, aqui, que o Profuncionário é um Programa Federal, criado pelo Ministério da Educação- MEC, em parceria com a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica – SETEC, para a valorização e qualificação dos profissionais técnicos administrativos que trabalham nas escolas – TAE. Assim, a metáfora do galpão tem sua pertinência, porque este consiste em um local onde são depositados os mais diversos objetos, sem uma ordenação muito precisa, em que não há uma sistemática muito grande de cuidados e zelo. Na verdade, a permanência dos objetos nesse local significa que eles estão temporariamente "fora de uso", que eles estão "em suspensão". Esse estado sugere uma relação em que os objetos estão presentes, mas sua presença não se dá de forma efetiva, porque eles estão como que em "retiro temporário". Portanto, podemos pensar que as relações que se dão a partir das instituições transformadas em galpões só podem ser interações mais fluidas e cambiáveis. São relações instáveis, que não conseguem criar laços de pertença duráveis. Pelo menos, é assim que pensa Bauman (2011), ao chamar esses laços de frágeis, instáveis e líquidos. Junto com ele, vários outros cientistas sociais são categóricos ao afirmarem que o tipo de contato que se estabelece a partir do face a face é capaz de criar relações mais "autênticas" e, assim, consegue forjar laços de pertença mais duráveis.

Bauman, assim como esses outros autores, é contundente ao afirmar que o tipo de relação que se dá a partir da mediação do computador só pode ser uma relação mais instável, fluida, em que quase não existe a possibilidade de se criar laços de pertença duráveis. Eles tendem a analisar a relação que ocorre face a face como mais importante, porque tendem, de algum modo, a limitar e balizar a presença, a partir de certa possibilidade de captura do outro pelo campo de visão daquele que, de algum modo, faz parte do contexto, encontra-se presente na cena. Assim, o estar presente passa a ser dependente do fato do outro estar, em alguma medida, sob o campo de visão. Então, ele precisaria ser percebido por quem encontra-se presente na cena, e, além disso, esta pessoa, de alguma forma, serve como parâmetro para representá-lo. De todo modo, estamos diante de uma visão limitadora e etnocêntrica, que privilegia o sentido da visão em detrimento dos outros sentidos. E, além disso, trabalha com uma ideia bastante limitada de representação, que acaba circunscrevendo a presença aos ditames do campo visual.

Então, como já vimos, o que a estudante deixa transparecer, em seu relato, é que a escola transformada em uma espécie de galpão, de alguma maneira, também transforma as relações face a face em relações "virtualizadas", bem como o oposto pode ser verdadeiro. É assim que podemos ler outra narrativa de sua colega de sala, que nos diz: "eu tenho uma timidez pra falar, então, no fórum, eu consigo me expressar melhor, porque eu prefiro escrever a falar". Ou seja, ela aponta que se sente mais expressiva a partir do contato e interação que se dá com o ambiente virtual de aprendizagem – AVA, do que nas interações face a face. Assim, não temos nenhuma razão para afirmar que esse tipo de relação em que ela se sente mais expressiva e confiante é um tipo de relação fadada aos arcanos da fluidez e da instabilidade. Muito pelo contrário, o relato dela nos aponta que é um espaço onde ela se sente mais confortável, confiante e acolhida, por causa de

um traço da sua personalidade, a timidez, que não a deixa tão à vontade nas interações face a face. Vamos, agora, ao trecho completo do relato dela:

> Eu, particularmente...[...] eu, particularmente, procuro aproveitar ao máximo os dois, os dois momentos...em sala de aula, enriquece o conhecimento, né? com as atividades que são abordadas e com a discussão mesmo, em si...e no fórum...de certa forma, eu tenho uma timidez pra falar, então, no fórum, eu consigo me expressar melhor, porque eu prefiro escrever a falar, apesar de tá falando muito agora [risos] mas eu prefiro me expressar na escrita, então eu gosto muito... Mas eu não gosto [risos] de certa forma, eu não gosto...e... no fórum a gente... nos fóruns, nas atividades, a gente... eu consigo aproveitar bastante, acho muito interessante os vídeos que são colocados pra gente, são lições não só pras matérias, mas pra vida inteira, né? nós demos Revolução Industrial...é...a questão política na França, em outros países, bastante interessante... assim... eu acho que é muito proveitoso...o que eu não...o que eu acho que é inadequado, nesse momento, é a questão do material didático na aula prática, na aula...é... presencial, por exemplo, em alguns momentos, nós não podemos fazer algumas atividades porque o computador não funcionava, eu acho que...o...o...a questão do...laboratório de informática, por exemplo, nem sempre pode se aproveitado também por um motivo ou outro...por causa que nós ficamos algum tempo sem internet, então, eu acho que falta isso pra melhorar a aula presencial...

Portanto, não estamos diante de uma dicotomia das relações: virtual versus presencial. Porque, pelo exposto, podemos tranquilamente compreender que as relações que ocorrem face a face comportam graus de virtualidade, bem como as relações que ocorrem com a mediação do computador conectado, também, comportam graus de presença. Assim, não teríamos uma presença dependente e encerrada ao campo da visão. Podemos imaginar que a presença se faz, de maneira muito mais rica, densa e polifônica, a partir dos gestos, dos odores, dos sabores, do tato, da própria visão, das lembranças etc.

Ou seja, temos uma virtualidade que não se dá em oposição a uma presença. Assim, temos a constituição da realidade a partir da constante atualização do virtual. Porque, há todo um jogo em que a presença é forjada a partir da própria atualização e inscrição do virtual. Pensando em termos de aproximação com a experiência. Podemos compreender que a abertura propiciada pelo “mundo da internet” pode ser descrita como uma experiência de aproximação que se apresenta a partir de certo distanciamento (isso se o distanciamento for tomado com foco na dimensão espacial, mas queremos ressaltar que essa referência também pode ser limitadora, pois recairíamos na questão do domínio do campo da visão). Então, achamos prudente afirmar que a presença se faz a partir da inscrição da experiência em campos de virtualidade. Assim, temos que é a própria virtualidade que se atualizada, a partir da experiência, formando graus variados de presença.

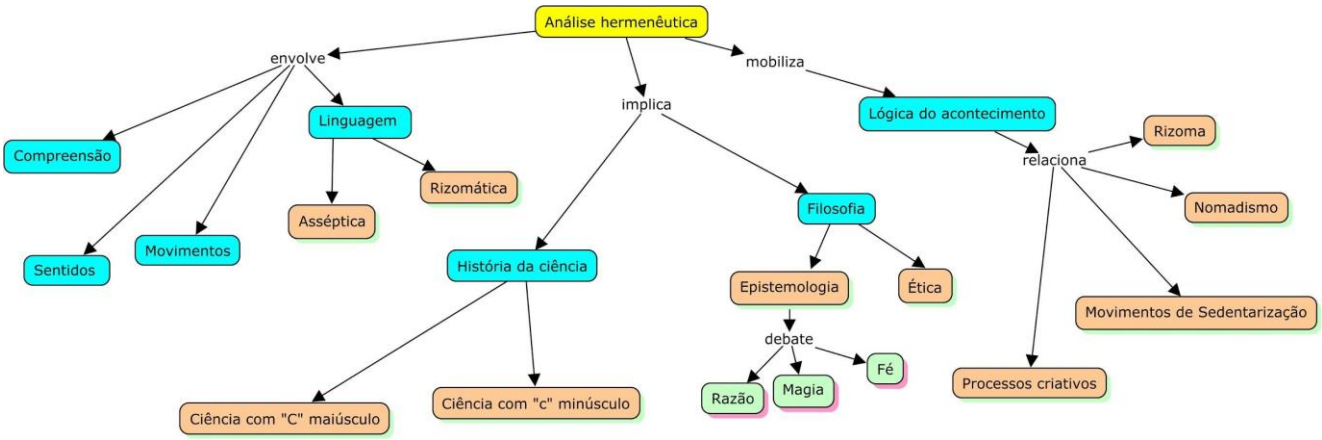
A partir disso, podemos pensar em múltiplos enraizamentos e laços sendo formados/forjados a partir da imersão da experiência, em focos ou campos de virtualidade. Desse modo, não podemos concordar que existe uma crise na capacidade de realizar experiência, mas, ao invés disso, podemos falar que a própria capacidade de fazer experiência fora modificada, dinamizada e multiplicada. Ou seja, houve uma ampliação das possibilidades que temos em poder realizar experiência dos modos mais diversos

possíveis. Porém, podemos admitir que essa ampliação da potencialidade em realizar a experiência vem acompanhada de perplexidade, que pode levar a certa paralisação e apatia. Ou seja, para Parente (2013), as redes se impõem como um novo paradigma, pois elas “sempre tiveram o poder de produção de subjetividade e do pensamento. Mas era como se as redes fossem dominadas por uma hierarquização social que nos impedia de pensar de forma mais rizomática” (PARENTE, 2013, p. 91).

3 Resumo

A hermenêutica é uma técnica antiga de interpretação de textos religiosos e filosóficos. Muitas obras já foram escritas sobre o assunto. Ainda mais tendo-se em vista a complexidade do assunto. Compreender a interpretação é uma tarefa que mobiliza vários sentidos, por isso, este capítulo visa ser uma espécie de mapa de navegação para que você consiga se aventurar na análise hermenêutica, com mais segurança e motivação. O conhecimento mobilizado neste capítulo é amplo, sobretudo pelo fato de a interpretação estar presente em todo processo de produção e estruturação do saber. Nosso próprio olhar consiste em um reflexo interpretativo das nossas vivências, dos nossos itinerários. Por isso, é impossível duas pessoas interpretarem da mesma forma o mesmo fenômeno, seja este um livro, a descrição de uma sala de aula, a narrativa sobre o mesmo caminho percorrido, os componentes físicos de determinado dispositivo computacional etc. A interpretação varia conforme a condição de percepção a partir da experiência. Portanto, neste projeto, convidamos você a fazer uma viagem pelos meandros metodológicos da análise hermenêutica, de cariz qualitativo. Espera-se que a leitura o(a) encoraje e motive-o(a) a deixar seguir e acompanhar o fluxo; não o emparedar e não o estancar, por meio de códigos normalizadores e regulamentadores da lei, da instituição ou do contrato. Afinal, interpretar é sempre já criar.

Figura 3 - Mapa conceitual



Fonte: dos autores.

4 Leituras recomendadas (e comentadas)

Segue lista de obras que podem ajudar no aprofundamento do tema abordado.

- **Fenomenologia da percepção** (MERLEAU-PONTY, 2011). Obra seminal dos estudos fenomenológicos, aborda, através de diálogo ativo entre abordagem filosófica e as ciências, especialmente a psiquiatria, psicologia e fisiologia, processos de estruturação da percepção e do conhecimento, evidenciando como se dá a construção do conhecimento e o próprio estar no mundo. Esta obra inova pelo fato de ser uma das precursoras na filosofia a trazer as repercussões e reverberações dos estudos sobre o corpo na compreensão dos processos que se encontram na base de estruturação do conhecimento. Ela aponta que a interpretação é sempre situada e relaciona-se ao ser que está imerso em um mundo e possui um corpo. Os estudos posteriores de Merleau-Ponty desdobram-se a partir dessa perspectiva incial. É por isso que depois ele vai falar em carne e corpo do mundo; ontologia selvagem etc.
- **A árvore do conhecimento** (MATURANA; VARELA, 2005). Nesta obra, os fisiólogos Maturana e Varela, inspirados na fenomenologia de Merleau-Ponty, tentam constituir uma compreensão biológica dinâmica e não reducionista sobre as bases do conhecimento. Suas ideias possuem um caráter inovador e abrem uma perspectiva ampla, inter e multidisciplinar que inclui campos como os da biologia, antropologia, sociologia, filosofia, psicologia, computação etc. Uma das teses centrais do livro é a afirmação de que a própria vida é um processo de conhecimento contínuo e cíclico, a partir de constatações da própria vida dos seres vivos e de como estes conhecem o mundo. Surge aí a teoria da Biologia do Conhecer ou Biologia da Cognição. O texto traz seus principais conceitos, possibilitando ao leitor uma compreensão ampliada da teoria e dos conceitos básicos que a orienta como a vida, o humano, o conhecimento, domínio, autopoiese, observador. Para os autores, a percepção da realidade sempre está associada ao modo como o observador a vivencia, e que, portanto, não se pode objetivar a verdade, sem relativizá-la e colocá-la em suspensão.
- **Mil platôs** (DELEUZE; GUATARRI, 1995). No Brasil, a obra Mil Platôs do filósofo Deleuze e do psicanalista Guattari foi publicada em cinco volumes. Os autores tentam criar uma concepção inovadora dos processos de construção do conhecimento, criticando os dualismos e dicotomias que frequentemente pairam sobre o campo da epistemologia. Uma das primeiras noções que aparece no capítulo inicial é a de rizoma. A partir disso, eles vão tecendo o que seria essa lógica rizomática, com ampla e múltipla possibilidades de aplicação, perpassando várias áreas como: computação, educação, antropologia, filosofia, psicologia, geologia, geografia, biologia etc. Um dos argumentos centrais dos autores é o de que a civilização ocidental é obcecada pelos processos de sedentarização e se constituiu assentada nisso. Tal fenômeno tem reverberação nos mais distintos âmbitos, inclusive no da ciência. Desse modo, teríamos uma ciência oficial, demasiadamente formalizada, formatada, que obedece aos arcanos do repouso e, portanto, pouco criativa; mas também teríamos uma ciência nômade, amante do movimento, do devir, que não se incomoda em ser considerada menor. Pelo seu caráter, tal ciência é inovadora e instável. Os autores não pregam nenhuma visão

maniqueísta e por isso afirmam que ambos os momentos/movimentos são necessários na construção e estruturação do conhecimento.

5 Artigos exemplos (e comentados)

Embora seja apresentado um cenário ilustrativo no capítulo (ver **seção 1.4**), provavelmente os leitores gostarão de ver outros exemplos para compreender melhor os conceitos. Devido a restrições de espaço, não é possível descrever vários cenários ilustrativos no capítulo. Dessa forma, recomendamos o aprofundamento da leitura com indicações de artigos científicos que utilizam a análise hermenêutica[3]. Utilizar-se-á de exemplos provenientes de ambientes virtuais de aprendizagem, no intuito de se observar a inter-relação entre interpretação-compreensão-aplicação e, desse modo, tentar aprofundar a compreensão sobre a importância da aplicabilidade que segundo Gadamer (2005): "é um momento tão essencial e integrante do processo como a compreensão e a interpretação".

- SCHERER, Suely; BRITO, Glaucia da Silva. Educação a Distância: possibilidades e desafios para a aprendizagem cooperativa em ambientes virtuais de aprendizagem. **Educação em Revista**. Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 4/2014, p. 53-77. Editora UFPR. Acessado em: 10 jan. 2018. Disponível em: < http://revistas.ufpr.br/educar/article/view/38644>

O texto é fruto de um estudo que teve por objetivo analisar possibilidades de aprendizagem cooperativa em ambientes virtuais de aprendizagem de disciplinas e cursos oferecidos na modalidade de Educação a Distância (EaD). Uma das conclusões é a de que a experiência da aprendizagem colaborativa em ambientes virtuais depende de alguns elementos como a qualidade da interação, as atitudes do professor e do estudante, mobilização da motivação etc. O estudo foi realizado através da análise interpretativa de registros em fóruns virtuais de disciplinas e cursos.

- GRASSE, Stéphanie. Mar de Provas no Sahel: interrogar a pedagogia universitária a distância. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 515-531, abr./jun. 2017. Acessado em: 20 jan. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623664358>

O Mar de Provas no Sahel visa interrogar a pedagogia universitária a distância, fruto de parceria internacional entre a França e a Universidade de Uagadugu, no Burkina Faso, país da África subsaariana. Com olhar sensível e análise compreensiva, a pesquisa também se debruça sobre a análise imagética, através de material fotográfico obtido quando da primeira experiência da autora, vivida enquanto pesquisadora visitante em uma universidade brasileira.

---

[3] Para a identificação dos artigos aqui apresentados, foram usadas as palavras-chave "hermeneutic analysis", "distance education" e "computer education", alternando-se os operadores booleanos "or"e "and" nas bases de dados Sciencedirect e Scielo.

- CHAN, Nee Nee; WALKER, Caroline; GLEAVES, Alan. An exploration of students' lived experiences of using smartphones in diverse learning contexts using a hermeneutic phenomenological approach. **Computers & Education**. Volume 82, March 2015, Pages 96-106. Acesso em 20 jan. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.compedu.2014.11.001>

O aprendizado dos participantes (jovens de 16 a 19 anos) através da experiência com o uso de smartphones parece estar associado à auto-identidade e ao gerenciamento de suas imagens. As descobertas sugerem que a importância que os jovens atribuem a esta forma de uso de dispositivos móveis e a transferibilidade de tais comportamentos e usos em espaços, tempos e dimensões em contextos de aprendizagem é uma função da adoção específica de smartphones em um nível cultural e não pedagógico.

- VANGSNES, OKLAND, Nils Tore Gram; Krumsvik, Rune. **Computer games in pre-school settings**: Didactical challenges when commercial educational computer games are implemented in kindergartens. Volume 58, Issue 4, May 2012, Pages 1138-1148. Acesso em 20 jan. de 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.compedu.2011.12.018>

São apresentadas implicações didáticas de quando games educacionais são usados com crianças. O jogo é apresentado com um desempenho multimodal, utilizando texto, gráficos, imagens, som e animação. Discute-se o jogo como uma situação dramatúrgica em que crianças (jogador) e professor assumem diferentes papéis, ações em andamento, com implicações no tempo e espaço.

6 *Checklist*

Antes de iniciar esta seção, é bom frisar novamente que em metodologia não existem receitas. Portanto, os passos elencados na realização da análise hermenêutica, ancorada na lógica do acontecimento, são apenas ilustrativos. Sobretudo, porque não se deve engessar a caminhada do pesquisador. Ele(a) deve ter a autonomia sobre seu próprio caminho de formação-pesquisa. Então, os passos a seguir podem servir como uma espécie de incentivo, que ajudará e motivará o(a) investigador(a) em suas buscas.

Desse modo, uma das possibilidades de inserção dos fluxos pode ser a seguinte:

1 Levantamento de referências sobre o tema pesquisado;

2 Leitura e fichamento das referências relacionadas ao tema pesquisado;

3 Preparação de recolha dos dados empíricos (caso não seja um estudo teórico);

4 Análise prévia dos materiais selecionados:

4.1 teóricos;

4.2 empíricos (caso não seja um estudo teórico);

5 Início da categorização dos materiais;

6 Produção inicial do texto;

7 Análise mais detida dos materiais coletados:

7.1 Revisão das categorias criadas;

7.2 Desenvolvimento de novas categorias;

7.3 Estabelecimento de relações entre as categorias criadas e o material coletado;

7.4 Criação de mapas conceituais e/ou diagramas de conceitos;

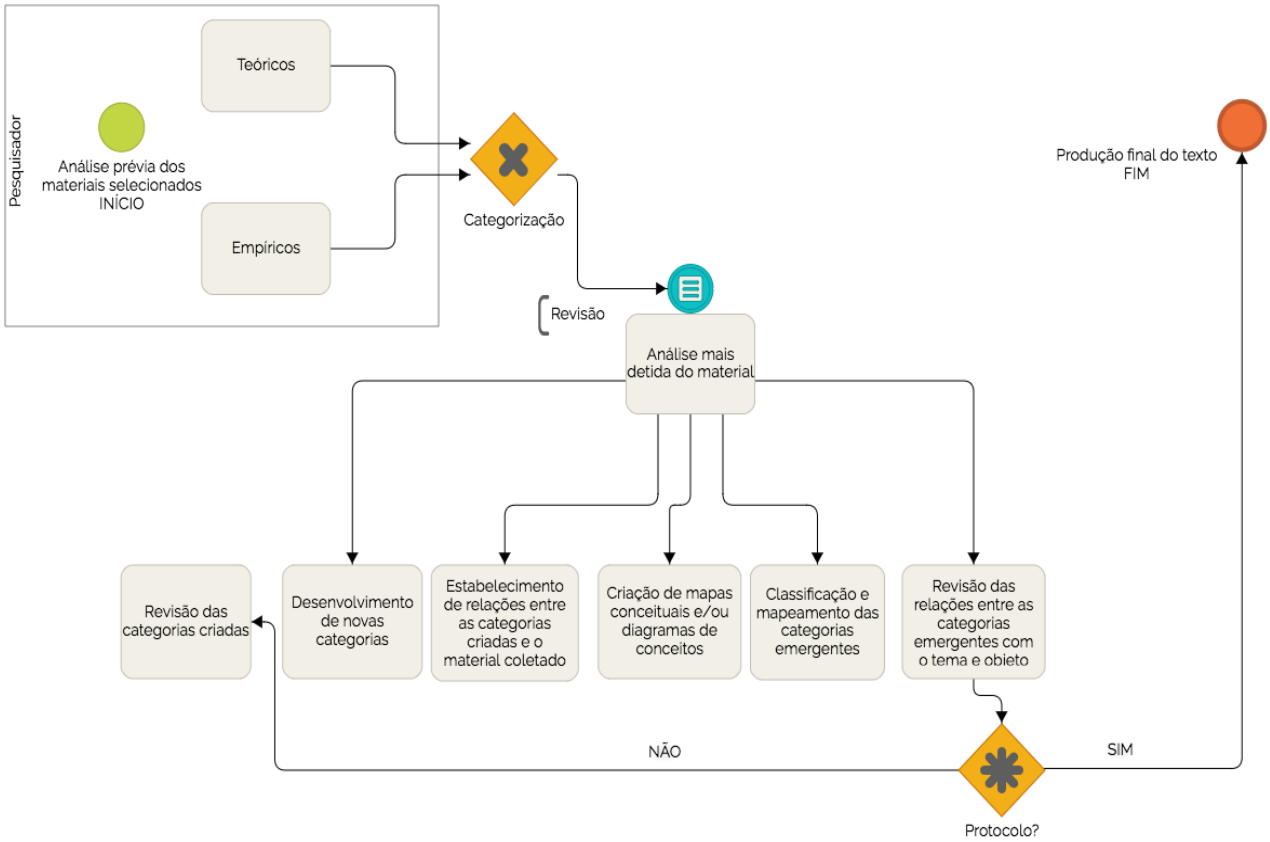
7.5 Classificação e mapeamento das categorias emergentes;

7.6 Revisão das relações entre as categorias emergentes com o tema e objeto da pesquisa;

7.7 Caso o **item 7.6** esteja dentro do protocolo, pode-se avançar ao **item 8**; mas, se houver discrepância e incoerência entre as categorias emergentes e o objeto da pesquisa, recomenda-se o retorno ao **item 7.1**;

8 Produção final do texto.

Figura 4 – Fluxo de atividades para a análise hermenêutica



Fonte: dos autores.

7 Exercícios

1. *Elaboração de mapas conceituais*. A presente questão será dividida em três momentos:

Momento 1: Elabore um mapa conceitual sobre técnicas de análise qualitativa de dados e solicite a pelo menos 3 pessoas diferentes para lê-lo e explicar o que compreendeu. De posse dessas percepções, procure identificar similaridades e contradições entre as percepções apresentadas e sua intenção ao criar o mapa. (mapa 1)

Momento 2: Elabore outro mapa conceitual, dessa vez com os principais temas e conceitos apresentados no presente capítulo. Faça a mesma coisa que fez com o mapa 1, apresente-o a 3 pessoas diferentes para lê-lo e peça-lhes para explicar o que compreenderam. (mapa 2) De posse dessas informações, procure estabelecer relações de similaridade e/ou diferenças entre os dois mapas.

Momento 3: Realize um texto síntese (gênero livre) através das impressões e interpretação dos mapas criados.

2. *Análise de cenas e criação de roteiro.*

Escolha um filme que não tenha assistido e que contenha cenas em locais públicos. Escolha trechos do filme que mostrem essas cenas. Sem o som, observe as pessoas: veja como elas se comportam, como se vestem, como interagem com os demais e com o ambiente.

A partir disso, elabore um roteiro, com o provável diálogo entre as pessoas e a descrição do ambiente onde elas se encontram. Estabeleça também um perfil pessoal, familiar e profissional de pelo menos dois dos personagens.

3. *Produção audiovisual.*

A partir do confronto entre os mapas produzidos na questão 1, produza um vídeo, curta-metragem, buscando realizar breves entrevistas cujo assunto gire em torno das principais dúvidas e/ou lacunas que pairaram sobre o tema em apreço. É importante que o vídeo seja disponibilizado para o público em alguma plataforma digital. Ao disponibilizá-lo, é importante que ele venha com o seguinte título: caminhadas metodológicas e análise hermenêutica: dúvidas e reflexões!

8 Referências

ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de. Da ciência como território à ciência como nomadismo. **Esferas**. Ano 4, n. 6, Janeiro a Junho de 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2011.

BOAS, Franz. **Antropologia cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

UNGER, Nancy Mangabeira. **Da foz à nascente**: o recado do rio. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

COREA, Cristina; LEWKOWICZ, Ignacio. **Pedagogía del aburrido**: escuelas destituidas, famílias perplejas. Buenos Aires/Argentina: Paidós, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2006a.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006b.

DELEUZE, Gilles. Pensamento nômade. In: ESCOBAR, C. H. (org.). **Por que Nietzsche?** Rio de Janeiro: Achiamé, 1985.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. v. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995. (Coleção TRANS)

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Meio de 68 não ocorreu. In: DELEUZE, Gilles. **Dois regimes de loucos**: textos e entrevistas (1975-1995). São Paulo: Editora 34, 2016.

DESPRET, Vinciane. O que diriam os animais se. **Caderno de Leituras** n. 45, publicado em maio de 2016. Disponível em: http://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2016/05/cad.45_v.despret.pdf. Acesso em: 20 mar. 2016.

GABRIEL, Markus. **O sentido da existência**: por um novo realismo ontológico. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. Tradução de Flávio Paulo Meurer (revisão da tradução de Enio Paulo Giachini). 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2005. (Coleção Pensamento Humano).

GUMBRECHT, Ulrich. **Produção de presença**: o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010.

HARDT, Michel. **Gilles Deleuze**: um aprendizado em filosofia. São Paulo: Editora 34, 1996.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

INGOLD, Tim. **Estar Vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

MARZEC, Andrzej. Filosofia das Plantas (ou pensamento vegetal). **Caderno de Leituras** n.46, publicado em junho de 2016. Disponível em: http://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2016/06/cad_46-1.pdf. Acesso em: 25 abr. 2017.

MATURANA, Humberto. **Ontologia da realidade**. MAGRO, Cristina; GRACIANO, Miriam; VAZ, Nelson (Orgs.). 3ª reimpressão. Belo Horizonte, UFMG, 2002.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas do conhecimento humano. Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. 5. ed. São Paulo: Palas Athena, 2005.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4. ed. São Paulo: Editora WHF Martins Fontes, 2011. (Biblioteca do Pensamento Moderno)

PARENTE, André. Enredando o pensamento: redes de transformação e subjetividade. In: _____. **Tramas da rede**: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2013.

PEREIRA, Maria Eliza Mazzilli; GIOIA, Silvia Catarina. Do feudalismo ao capitalismo: uma longa transição. In: ANDERY, Maria Amália *et al*. **Para compreender a ciência**: uma perspectiva histórica. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

RANGEL, Leonardo. **O sabor dos saberes**: margens e experiência limiares na cultura e na educação. Rio de Janeiro: Multifoco, 2016.

SALES, Alessandro Carvalho. **Deleuze**: pensamento e acordo discordante. São Carlos, SP: EDUFSCar, 2014.

SAMPAIO, Romilson Lopes; ALMEIDA, Ana Rita Silva. Da escola de aprendizes artífices ao Instituto Federal da Bahia: uma visão histórica da educação profissional. In: FARTES, Vera; MOREIRA, Virlene Cardoso (orgs.). **Cem anos de educação profissional no Brasil**: história e memória do Instituto Federal da Bahia (1909-2009). Salvador: EDUFBA, 2009.

WEBER, Max. A Ciência como vocação. In: _____. **Ciência e política**. Duas vocações. 16. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2010.

Sobre os autores

Leonardo Rangel dos Reis (IFBA)

http://lattes.cnpq.br/2439250042562437

Pós-Doutor em Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais pela ProPEd/UERJ. Mestre e Doutor em Educação pela UFBA. Graduado em Ciências Sociais pela UFBA. Professor de Sociologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFBA. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT/IFBA. Participa de projetos nas áreas dos Processos Formativos, Currículo, Educação, Cuidado e Cotidianos, junto aos grupos de pesquisas Redes educativas, fluxos culturais e trabalho docente – o caso do cinema, suas imagens e sons - ProPEd/UERJ, e FORMACCE em aberto -FACED/UFBA. Possui experiências nas áreas: Sociologia da Educação, Teoria Social, Etnografia da Educação e Educação Profissional.

Jocelma Almeida Rios (IFBA)

http://lattes.cnpq.br/4189446503539038

Doutora em Difusão do Conhecimento pela UFBA, Mestre em Redes de Computadores, Especialista em Projeto de Desenvolvimento de Aplicações, Bacharel em Ciência da Computação com ênfase em Análise de Sistemas pela UNIFACS, e Licenciada em Pedagogia pela FBB. É pesquisadora em análise cognitiva, comunidade de prática, construção colaborativa do conhecimento, informática aplicada à educação e à saúde e gestão da educação. É líder do grupo de pesquisa ConECTividade, e integrante dos grupos de pesquisa Ticase e EsPACIS. Tem experiência em Computação, com ênfase em Engenharia de Software, Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento, e em Educação, com ênfase em

gestão escolar e tecnologia educacional. Atualmente, é professora de Computação, na área de Engenharia de Software e Jogos Digitais, e professora do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT, no IFBA.

Adriana Vieira dos Santos (IFBA)

http://lattes.cnpq.br/9590489825751662

Doutoranda em Difusão do Conhecimento pelo DMMDC/UFBA, Mestre em Química Aplicada pela UNEB e Licenciada em Química também pela UNEB. Atualmente, é servidora com dedicação exclusiva do IFBA, Campus Lauro de Freitas. É integrante do grupo de pesquisa EsPACIS. Também é administradora e criadora de conteúdo para redes sociais. Tem experiência nas áreas de Química e Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: química, objetos de aprendizagem, ensino de química, Moodle, metodologias ativas e educação a distância